

Produtividade cresceu 1,9% em 2000

Bonança Mouteira
Do Rio

A produtividade da economia brasileira cresceu 1,93% no ano passado, resultado considerado bom por especialistas principalmente quando comparado ao de 1990, quando o país, em meio à uma recessão, registrou queda de 1,01% na taxa de produtividade.

Os dados foram levantados pelo economista Regis Bonelli, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e medem a produtividade total dos fatores na economia do país.

"É uma mensuração pouco usada no Brasil, pois leva em conta outras variantes da economia além da força de trabalho e utilização do capital", explica a economista, que indica a agricultura e a indústria como as locomotivas da boa performance do ano passado.

Entre 1990 e 1999, a produtividade do trabalho na indústria cresceu à taxa média de 4,75% ao ano contra 3,9% do setor agropecuário, conforme o estudo elaborado pelo professor Mariano Macedo, do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Paraná (IBQP-PR), organizado com base nos dados consolidados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No setor de serviços, a produtividade avançou só 0,28% e na construção civil, 2,19%.

A desaceleração da economia este ano, confirmada pela queda de 0,79% do Produto Interno Bruto (PIB) no último trimestre, não mudará o curso ascendente dos índices de produtividade, segundo Bonelli.

Produtividade em alta

Taxas anuais de crescimento - 1990/2000 (em %)

Ano	Var. PIB real	Var. do uso de capital	Var. por ocupação	PTF	Var. estoque de capital	Var. PEA	PIBPOT
1990	-4,18	-4,34	-2,00	-1,01	2,28	3,13	1,70
1991	1,03	0,33	0,77	0,48	1,74	1,18	1,95
1992	-0,54	-1,28	0,37	-0,09	1,70	1,18	1,35
1993	4,92	4,59	0,64	2,31	2,13	1,45	4,10
1994	5,85	5,92	1,30	2,24	2,53	2,23	4,62
1995	4,22	4,35	1,36	1,37	2,58	2,23	3,78
1996	2,66	2,88	-2,39	2,42	2,68	-0,75	3,38
1997	3,27	3,52	0,58	1,22	2,71	2,78	3,96
1998	0,22	-0,10	-1,79	1,17	2,13	2,35	3,41
1999	0,79	0,08	-1,11	1,31	1,74	1,75	3,05
2000	4,46	3,65	1,40	1,93	1,67	1,75	3,64

Fonte: Ipea

"A modernização é um processo de efeitos duradouros e mobilidade lenta", justificou, referindo-se aos efeitos permanentes das inovações tecnológicas e a disseminação de formas mais eficientes de produção.

O economista admitiu, porém, a impossibilidade de passar ao largo das "agruras conjunturais" e, por isso, não se surpreenderá com uma queda nos índices nos próximos dois ou três anos, reflexo do impacto do PIB menor.

A trajetória dos índices que medem a produtividade é cíclica e, historicamente, segue a evolução do PIB. No entanto, um retorno aos níveis do início da década parece descartado. "O Brasil de 2001 é completamente diferente do de 1990. A economia é mais dinâmica."

O economista do IBGE Paulo Gonzaga, especialista em produtividade do trabalho apontou a abertura econômica patrocinada pelo governo Collor como a principal motivação pa-

ra os investimentos realizados pela indústria doméstica, boa parte concentrada nos primeiros anos da década de 90.

A partir de 1996, o setor reagiu aos estímulos decorrentes da estabilização e do câmbio sob controle promovidos pelo real.

"Em muitos segmentos, os efeitos surgiram rapidamente com adoção de métodos simples como o 'just in time' e mudanças nos processos internos de produção", comentou.

Na lista de razões que incentivaram a indústria a investir, Bonelli, incluiu também a privatização e a chegada de empresas estrangeiras ao país. Tanto que a produtividade do trabalho na siderurgia cresceu, em média, 10,16% ao ano na década passada, taxa considerada á época "coreana".

As indústrias de extração de óleo e gás e de refino de petróleo ostentaram ganhos médios de 10% ao ano. Vale destacar também a área de comunica-

ções, com avanço de 12,62%.

Ele frisou, porém, que a agricultura deu a largada na melhoria da produtividade nos anos 70 e vem gradativamente ganhando eficiência com a introdução de técnicas de plantio e mecanização.

Nem tudo são flores, porém. O salto da produtividade foi concomitante à redução do nível de emprego.

Trocando em miúdos

O método de cálculo utilizado pelo professor Regis Bonelli, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) para medir a produtividade da economia brasileira considera outros fatores incluindo a variação do Produto Interno Bruto, do potencial, da mão de obra ocupada e da utilização do capital e do estoque de capital.

O estoque de capital é considerado um dado relevante na medida em que indica a parcela do di-

De acordo com os dados da divisão Instituto Brasileiro de Produtividade e Qualidade do Paraná, a taxa média de crescimento do pessoal ocupado na agropecuária foi negativa em 0,86% ao longo da década de 90, enquanto na indústria, caiu 2,84% ao ano. No total da economia, a queda atinge 0,04%.

O estudo do professor Macedo, evidencia também a distância entre o Brasil e as principais economias do mundo.

Em 1998 (últimas informações disponibilizadas pelo Banco Mundial), a produtividade média da economia brasileira correspondia a 36,38% da produtividade média britânica; 34,66% da japonesa e 32,23% da alemã.

O desempenho é ainda pior na comparação com os Estados Unidos — 74% superior à brasileira.

Essa proporção tem se mantido desde o início da década e, pelas estimativas de Macedo, não sofreram alteração nos últimos anos. Pelo contrário, o recente ciclo de crescimento dos

nheiros que está efetivamente sendo utilizado na produção. Denominado de Produtividade Total dos Fatores (PTF), é uma medida pouco usada no Brasil.

Os economistas preferem avaliar a produtividade do trabalho, que considera a variação do PIB comparada com a variação do pessoal ocupado.

O cruzamento dos dados setoriais — crescimento (ou queda, se for o caso) com a aumento da riqueza gerada por aquele segmento —

Estados Unidos permite prever um aprofundamento das diferenças.

Para Macedo, esse quadro decorre da má distribuição de renda e da falta de investimentos em infra-estrutura — incluindo nessa conta itens como os problemas de energia e as péssimas condições de estradas e portos. Se eficiente, a infra-estrutura potencializa a produtividade do trabalho e do capital.

O professor explicou que o Brasil reúne características semelhantes às dos países mais desenvolvidos em relação ao perfil da indústria.

"Setores como o petroquímico e siderúrgico exibem melhores índices de produtividade do que a indústria têxtil ou construção civil, tanto aqui como nos EUA", afirmou, frisando que são características comuns, decorrentes do uso de mão-de-obra especializada.

Mais informações sobre produtividade da economia brasileira nos sites www.ibpqpr.org.br; www.ipea.gov.br e www.ibge.gov.br

permite isolar a produtividade de cada setor.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calcula a produtividade cruzando a variação do valor adicionado do PIB — definido como tudo o que se acrescenta ao PIB excluindo-se os impostos — com a variação do pessoal ocupado.

Esse cálculo indica que em 1999 (último dado disponível) a produtividade ficou em 2,31% contra 0,39% de 1995.